www.baderna.org

BADERNA

COPYRIGHT E MAREMOTO

WU MING 1

EDIÇÃO: Coletivo Baderna

SELEÇÃO DE TEXTOS: Manoel Medeiros & Velot Wamba

TRADUÇÃO: Leo Vinicius

PROJETO DE CAPA: Giseli Vasconcelos & Marcelo Ramos

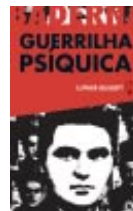
IMAGEM DE CAPA E CONTRA-CAPA: Wu Ming

REVISÃO DIRETO DA TRADUÇÃO: Velot Wamba

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Manoel Medeiros

BRASIL
2002

ESTE LIVRETO FOI PRODUZIDO EM FUNÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES CONTRA A IMPLEMENTAÇÃO DA ÁREA DE LIVRE COMÉRCIO DAS AMÉRICAS (ALCA) DE OUTUBRO DE 2002

www.baderna.org

Luther Blissett trabalha há anos para colocar em crise cada preconceito e cada lugar-comum sobre a mídia, o ativismo, a identidade, os direitos autorais, o trabalho intelectual, a figura do autor, e para conquistar espaços culturais para uma nova crítica prática ao capitalismo, análoga àquela que encontrou um primeiro momento de síntese na batalha de Seattle de 30 de novembro de 1999. Exatamente desta sintonia com o espírito dos tempos deriva a "felicidade" do Luther Blissett Project, máquina de guerra psíquica cujo aperfeiçoamento o leitor pode acompanhar nos textos da antologia (fluorescente, elétrica, digressiva, rítmica e circular) que é aqui apresentada.

Se todos podem ser Luther Blissett, todos podem também fazer qualquer coisa. E o que Blissett quer promover é a sabotagem cultural e a guerrilha tecnológica contra a cultura dominante, revelar os mecanismos da indústria cultural, cobrir de ridículo as instituições.

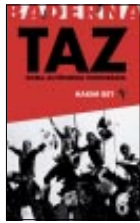
A atividade do movimento Provo foi centrada em jogo, magia e anarquia. Um grupo de divertidos agitadores que se reuniram no "Centro Mágico" de Amsterdam para celebrar ritos coletivos contra o fetiche da sociedade consumista. Herdeiros do dadaísmo e da tradição anarco-comunista, os Provos inauguraram novos formatos de ação política e de luta ecológica, e deram nova dimensão à idéia de desobediência civil. A partir daí surgiu aquilo que passamos a chamar de Contracultura, e se desenvolveu a idéia de que a subversão funcionava melhor quando misturada com humor inesperado. O exemplo dos Provos antecipou e inspirou os diversos movimentos de contestação jovem nos anos 1960, inclusive a esquerda hippie norte-americana e os manifestantes do Maio de 68 francês.

Matteo Guarnaccia nasceu em Milão em 1954 e é um dos principais representantes da psicodelia européia, seja com seu trabalho como ensaísta e escritor, seja com seu trabalho como artista.

A influência dos situacionistas tornou-se cada vez maior. Isso explica por que os situacionistas foram entendidos como uma espécie de críticos culturais, e o termo ³sociedade do espetáculo² tornou-se tão freqüente em artigos moralistas contra, por exemplo, a ³baixa qualidade² da programação televisiva. No trabalho de transformar os situacionistas em uma moda intelectual deglutível, tentou-se encobrir de formas diversas o fato básico de que a Internacional Situacionista pretendia ser uma organização política e tinha como objetivo a ação subversiva contra o capitalismo.

Neste livro estão reunidos os textos mais amplamente divulgados, traduzidos, distribuídos e influentes da Internacional Situacionista enquanto ela esteve ativa, garantindo ao leitor uma concisa introdução às idéias situacionistas e também uma visão do que foi o ambiente que gerou o Maio de 68 francês.

Publicado originalmente em junho de 1968, como uma brochura do grupo inglês Solidarity, este texto é com fre-qüência atribuído a Maurice Brinton, que seria o pseudônimo de um famoso neurocirurgião de Londres. No final de 1967, o Solidarity foi um dos raros grupos marxistas a perceber os rumos que tomava o movimento estudantil na França. E observaram de uma posição privilegiada o que aconteceu em maio do ano seguinte. Circularam de maneira mais livre em meio à guerra interna de tendências que acontecia em Sorbonne e souberam estar nos momentos certos, nos lugares certos. Muito já se escreveu sobre o Maio de 68, mas raros textos, se é que algum, têm o frescor deste testemunho.

O Solidarity surgiu no início dos anos 1960 e continuou na ativa até meados dos anos 1980. Originou-se a partir de uma dissidência da trotskista Socialist Labour League (Liga Socialista dos Trabalhadores), e foi talvez o principal grupo a desenvolver uma crítica marxista libertária na Inglaterra dos anos 1960 e 1970.

O conceito de Zona Autônoma Tem-porária, conhecida pela sigla TAZ (Temporary Autonomous Zone), foi lançado por Hakim Bey e torna-se cada vez mais difundido no universo do ativismo radical de esquerda. A idéia é combater o Poder criando espaços (virtuais ou não) de liberdade que surjam e desapareçam o tempo todo. A obra, lançada no final dos anos 1980, ganhou
edições em dezenas de países e foi amplamente difundida na internet (com a bênção do autor, que é contra direitos autorais). Os manifestos e ensaios de Bey chamaram, ao mesmo tempo, a atenção de ativistas e autoridades. Também receberam, por sua qualidade literária, elogios entusiasmados vindos de respeitados escritores, como Allen Ginsberg, William Burroughs e Robert Anton Wilson.

Hakim Bey nunca foi fotografado, recusou-se a ser entrevistado pela Time e, quando mais jornalistas começaram a caçá-lo, desapareceu. Milhares de histórias a respeito de quem seria ele correm soltas pela internet. Porém, a informação mais segura diz que ele seria um americano que viveu muito tempo no Irã.

À medida que fica cada vez mais óbvio que o ciberespaço não é o campo dos sonhos de que falavam os visionários míopes da Nova Economia, fica também mais definida a imagem desse espaço como um novo campo de batalha. Um "lugar" onde o Império Capitalista, fluído e nômade, tenta consolidar seu poder sobre tudo, mas é obrigado a enfrentar a resistência, que também já está aprendendo a ser fluída e nômade. O grupo Critical Art Ensemble analisa aqui os diversos aspectos da resistência já existente e da resistência possível nos campos de batalha para onde as novas tecnologias nos trouxeram. Este livro é um dos principais guias para os guerrilheiros da comunicação, e tem influenciado diretamente o modo como a chamada desobediência civil eletrônica se manifesta.

Critical Art Ensemble é um coletivo de cinco ativistas focado na exploração das intersecções entre arte, teoria crítica, tecnologia e política radical.

Urgência das Ruas é uma antologia de mensagens troca-das na preparação das festas contra o Capital. Alguns textos são assinados; outros, anônimos; muitos foram veiculados pela internet. Estão organizados cronologicamente e mostram que tudo começou antes e longe de Seattle, quando a esquerda tradicional ainda choramingava pela suposta apatia das novas gerações. São textos de origens diversas, com propostas diferentes, contraditórias, ingênuas às vezes. Trazem à tona as reflexões e modos de ação de grupos anticapitalistas como o Black Block, o Reclaim the Streets, os Tute Bianche, entre outros, que têm se manifestado nos Dias de Ação Global e principalmente em manifestações que buscam impedir as reuniões das maiores instituições do capitalismo global.

A Arte de Viver para as Novas Gerações é a mais ampla e profunda apresentação das idéias situacionistas, que tanto escândalo têm provocado desde os anos 1960, quando começaram a aparecer em forma de palavras nos muros e distúrbios nas ruas da Europa. É uma comemoração das formas com as quais a humanidade se manifesta para resistir à civilização e destruí-la.

Junto com Guy Debord, Raoul Vaneigem é considerado o principal teórico dos situacionistas. Foi editor da revista Internationale Situationniste e criador ou inspirador de muitas das frases que enfeitaram os muros de Paris no Maio de 68, alimentando uma corrente subversiva que reemerge nos movimentos anticapitalistas de hoje.

COPYRIGHT E MAREMOTO

WU MING 1

Atualmente existe um amplo movimento de protesto e transformação social em grande parte do planeta. Ele possui um potencial enorme, mas ainda não está completamente consciente disso. Embora sua origem seja antiga, só se manifestou recentemente, aparecendo em várias ocasiões sob os refletores da mídia, porém trabalhando dia a dia longe deles. É formado por multidões e singularidades, por retículas capilares no território. Cavalga as mais recentes inovações tecnológicas. As definições cunhadas por seus adversários ficam-lhe pequenas. Logo será impossível pará-lo e a repressão nada poderá contra ele.

É aquilo que o poder econômico chama "pirataria".

É o movimento real que suprime o estado de coisas existente.

Desde que – a não mais de três séculos – se impôs a crença na propriedade intelectual, os movimentos underground e "alternativos" e as vanguardas mais radicais a tem criticado em nome do "plágio" criativo, da estética do cut-up e do "sampling", da filosofia "do-it-yourself". Do mais moderno ao mais antigo se vai do hip-hop ao punk ao proto-surrealista Lautréamont ("O plágio é necessário. O progresso o implica. Toma a frase de um autor, se serve de suas expressões, elimina uma idéia falsa, a substitui pela idéia justa."). Atualmente essa vanguarda é de massas.

Durante dezenas de milênios a civilização humana prescindiu do copyright, do mesmo modo que prescindiu de outros falsos axiomas parecidos, como a "centralidade do mercado" ou o "crescimento ilimitado".

Se houvesse existido a propriedade intelectual, a humanidade não haveria conhecido a epopéia de Gilgamesh, o Mahabharata e o Ramayana, a Ilíada e a Odisséia, o Popol Vuh, a Bíblia e o Corão, as lendas do Graal e do ciclo arturico, o Orlando Apaixonado e o Orlando Furioso, Gargantua e Pantagruel, todos eles felizes produtos de um amplo processo de mistura e combinação, re-escritura e transformação, isto é, de "plágio", unido a uma livre difusão e a exibições diretas (sem a interferência dos inspetores da *Società Italiana degli Autori ed Editori*).

Até pouco tempo, as paliçadas dos "enclosures" culturais impunham uma visão limitada, e logo chegou a Internet. Agora a dinamite dos bits por segundo leva aos ares esses recintos, e podemos empreender aventuradas excursões em selvas de signos e clareiras iluminadas pela lua. A cada noite e a cada dia milhões de pessoas, sozinhas ou coletivamente, cercam/violam/rechaçam o copyright. Fazem-no apropriando-se das tecnologias digitais de compressão (MP3, Mpge etc.), distribuição (redes telemáticas) e reprodução de dados (masterizadores, scanners). Tecnologias que suprimem a distinção entre "original" e "cópia". Usam redes telemáticas peer-to-peer (descentralizadas, "de igual para igual") para compartilhar os dados de seus próprios discos rígidos. Desviam-se com astúcia de qualquer obstáculo técnico ou legislativo. Surpreendem no contrapé as multinacionais do entretenimento erodindo seus (até agora) excessivos ganhos. Como é natural, causam grandes dificuldades àqueles que administram os chamados "direitos autorais" (Bernardo Iovene mostrou como eles os administram em sua investigação para o Report da RAI de 4 de outubro de 2001, cujo texto está disponível no endereço: http://www.report.rai.it/2liv.asp?s=82).

Não estamos falando da "pirataria" gerida pelo crime organizado, divisão extralegal do capitalismo não menos deslocada e ofegante do que a legal pela extensão da "pirataria" autogestionada e de massas. Falo da democratização geral do acesso às artes e aos produtos do engenho, processo que salta as barreiras geográficas e sociais. Digamos claramente: barreira de classe (devo fornecer algum dado sobre o preço dos CDs?).

Esse processo está mudando o aspecto da indústria cultural mundial, mas não se limita a isso. Os "piratas" debilitam o inimigo e ampliam as margens de manobra das correntes mais políticas do movimento: nos referimos aos que produzem e difundem o "software livre" (programas de "fonte aberta" livremente modificáveis pelos usuários), aos que querem estender a cada vez mais setores da cultura as licenças "copyleft" (que

original, como nas línguas latinas (italiano, espanhol, francês...), onde ela significa "pertencente ao povo" ou "feito pelo povo". Pense nas músicas folclóricas que parecem não ter autor, elas são creditadas como "popular" ou como "tradicional".

O ponto em que estamos é este: queremos eliminar mitos como a Autoria, o Gênio, a Inspiração etc. No que diz respeito à "aura", ficamos do lado de Benjamin e não de Adorno, que era um chato total e até mesmo escreveu comentários racistas sobre músicos de jazz.

O fato de que artefatos culturais perderam sua aura de poder (isto é, seu caráter aristocrático e elitista) foi essencialmente positivo, permitiu que inúmeras pessoas se envolvessem mais na remanipulação da cultura. Benjamin clamava pela democratização da cultura, em certo sentido ele previu a cultura DIY e a cultura P2P. Todos deveriam ler The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction*, é ainda muito atual e absolutamente brilhante, e um bom antídoto contra a intoxicação niilista/pós-situacionista.

Outros artigos do Projeto Wu Ming:
www.wumingfoundation.com

Artigos do Projeto Luther Blissett:
www.lutherblissett.net

Outros sites:
www.midiaindependente.org
www.alcaralho.org

Ainda achamos que um novo e justo modo de produção somente pode ser estabelecido através da reapropriação das redes existentes de cooperação social. O socialismo deve ser baseado na natureza coletiva da produção capitalista.

É por isso que, de modo diferente de pessoas como os situacionistas (que eram obcecados com a “recuperação” e o “espetáculo”), nós sempre colocamos a ênfase no lado criativo da relação entre capital e classe. Damos a ênfase no poder das multidões.

A produção da cultura pop (não traçamos uma linha divisória clara entre o “underground” e o “mainstream” nesse caso) foi um processo coletivo durante o qual as fronteiras de comunidades abertas e sempre mutantes eram constantemente retraçadas, subculturas constantemente remodelavam-se em torno de mitos. Seria melhor que compreendêssemos quais "pré-requisitos do comunismo" estavam em funcionamento nesse processo ao invés de ficarmos acreditando que milhões de pessoas estavam passando por uma lavagem cerebral.

Hoje em dia, muitas coisas estão mudando para melhor no que diz respeito à reapropriação, ou melhor, “de-propriação” da cultura. Violação de direitos autorais, pirataria de CDs, violação de DVDs, trocas de P2P, socialização de MP3s, OCRs, plunderphonics, software livre... Há um levantamento geral, galões de suor frio estão escorrendo pelos corpos dos patrões. As instituições da propriedade intelectual estão caindo em pedaços, as pessoas estão detonando-as. É um maravilhoso processo popular, e está mais próximo do socialismo do que a China jamais esteve.

Pergunta: Eu estava me referindo mais à aura (nos termos de Walter Benjamin) que circunda os ícones pop. O sistema de estrelas cria ícones que são capazes de refletir os desejos das pessoas, de produzir identificação, novos “estilos de vida” e novas subculturas. Nesse sentido, Luther Blissett -- considerado como um mito descentralizado vindo de baixo para cima -- nunca terá a mesma aura de David Bowie ou Cary Grant. É uma questão de ausência de distância ou o que? Como podemos criar histórias populares, que as pessoas possam usar para reinventar suas próprias vidas? RPG e culturas *do-it-yourself* são a única resposta, ou um coletivo de escritores como o seu pode sugerir algo diferente?

Resposta: Podemos falar só por nós mesmos: nós jogamos RPG (o que é afinal um coletivo de ficção escrevendo no fim do dia?), e uma subcultura DIY prospera em nossa volta. Tentamos manipular gêneros literários para criar ficção popular. Usamos o termo "popular" no seu sentido

permitem a reprodução e distribuição das obras sob condição de que sejam “abertas”), aos que querem tornar de “domínio público” fármacos indispensáveis à saúde, a quem rechaça a apropriação, o registro e a frankeinsteinização de espécies vegetais e seqüências genéticas etc. etc.

O conflito entre anti-copyright e copyright expressa na sua forma mais imediata a contradição fundamental do sistema capitalista: a que se dá entre forças produtivas e relações de produção/propriedade. Ao chegar a um certo nível, o desenvolvimento das primeiras põem inevitavelmente em crise as segundas. As mesmas corporações que vendem samplers, fotocopiadoras, scanners e masterizadores controlam a indústria global do entretenimento, e se descobrem prejudicadas pelo uso de tais instrumentos. A serpente morde sua cauda e logo instiga os deputados para que legislem contra a autofagia.

A conseqüente reação em cadeia de paradoxos e episódios grotescos nos permite compreender que terminou para sempre uma fase da cultura, e que leis mais duras não serão suficientes para deter uma dinâmica social já iniciada e envolvente. O que está se modificando é a relação entre produção e consumo da cultura, o que alude a questões ainda mais amplas: o regime de propriedade de produtos do intelecto geral, o estatuto jurídico e a representação política do “trabalho cognitivo” etc.

De qualquer modo, o movimento real se orienta a superar toda a legislação sobre a propriedade intelectual e a reescrevê-la desde o início. Já foram colocadas as pedras angulares sobre as quais reedificar um verdadeiro “direito dos autores”, que realmente leve em conta como funciona a criação, quer dizer, por osmose, mistura, contágio, “plágio”. Muitas vezes, legisladores e forças da ordem tropeçam nessas pedras e machucam os joelhos.

A open source e o copyleft se estendem atualmente muito além da programação de software: as “licenças abertas” estão em toda a parte, e tendencialmente podem se converter no paradigma do novo modo de produção que liberte finalmente a cooperação social (já existente e visivelmente posta em prática) do controle parasitário, da expropriação e da “renda” em benefício de grandes potentados industriais e corporativos.

A força do copyleft deriva do fato de ser uma inovação jurídica vinda de baixo que supera a mera “pirataria”, enfatizando a *pars construens* do movimento real. Na prática, as leis vigentes sobre o copyright (padronizadas pela Convenção de Berna de 1971, praticamente o Pleistoceno) estão sendo pervertidas em relação a sua função original e, em vez de obstacularizá-la,

se convertem em garantia da livre circulação. O coletivo Wu Ming – do qual faço parte – contribui a esse movimento inserindo em seus livros a seguinte locução (sem dúvida aperfeiçoável): “Permitida a reprodução parcial ou total da obra e sua difusão por via telemática para uso pessoal dos leitores, sob condição de que não seja com fins comerciais”. O que significa que a difusão deve permanecer gratuita... sob pena de se pagar os direitos correspondentes.

Para quem quiser saber mais, a revista New Scientist ofereceu recentemente um excelente quadro da situação em um longo artigo, publicado por sua vez sob “licença aberta” (http://www.newscientist.com/hottopics/copyleft/copyleftart.jsp).

Eliminar uma falsa idéia, substituí-la por uma justa. Essa vanguarda é um saudável “retorno ao antigo”: estamos abandonando a "cultura de massas" da era industrial (centralizada, normatizada, unívoca, obsessiva pela atribuição do autor, regulada por mil sofismas) para adentrarmos em uma dimensão produtiva que, em um nível de desenvolvimento mais alto, apresenta mais do que algumas afinidades com a cultura popular (excêntrica, disforme, horizontal, baseada no “plágio”, regulada pelo menor número de leis possível).

As leis vigentes sobre o copyright (entre as quais a preparadísima lei italiana de dezembro de 2000) não levam em conta o "copyleft": na hora de legislar, o Paralmento ignorava por completo sua existência, como puderam confirmar os produtores de software livre (comparados *sic et simpliciter* aos "piratas") em diversos encontros com deputados.

Como é óbvio, dada a atual composição das Câmaras italianas, não se pode esperar nada mais que uma diabólica continuidade do erro, a estupidez e a repressão. Suas senhorias não se dão conta de que, abaixo da superfície desse mar em que eles só vêem piratas e barcos de guerra, o fundo está se abrindo. Também na esquerda, os que não querem aguçar a vista e os ouvidos, e propõem soluções fora de época, de "reformismo" tímido (diminuir o IVA* do preço dos CDs etc.), podem se dar conta demasiado tarde do maremoto e serem envolvidos pela onda.

* *Imposto sobre o Valor Adjunto.*

TRECHO DE ENTREVISTA COM WU MING

ORIGINALMENTE FEITA COMO CONTRIBUIÇÃO AO JORNAL MAKE-WORLD #2, QUE FOI DISTRIBUÍDO NO ACAMPAMENTO INTERNACIONAL NO-BORDER EM ESTRASBURGO JULHO DE 2002

Resposta [Wu Ming]: Sim, nós afirmamos que a cultura popular ocidental do século XX (que agora está se tornando algo completamente diferente, e em certo sentido mais complexa para se tirar proveito) estava muitas vezes mais próxima do socialismo do que os regimes “socialistas” orientais do século XX conseguiram estar. Até mesmo acrescentamos que a série de imagens Mao Tse Tung de Andy Warhol foi mais importante para a revolução do que os retratos oficiais de Mao Tse Tung agitados por maoístas em manifestações.

Essa visão tem a ver com os nossos múltiplos backgrounds: a noção de “hegemonia cultural” de Antonio Gramsci, o marxismo autonomista (Toni Negri e na linha) e o fato de alguns de nós serem ex-Mods, ex-Skinheads e ex-Punks.

Você sabe, o marxismo autonomista enfatiza o poder criativo e revolucionário dos próprios trabalhadores, à parte do Estado e dos partidos. Ao lado do típico pessimismo da esquerda, os autonomistas podem parecer sonhadores otimistas, enxergando a luta e a vitória onde outros enxergam apatia e derrota. Enquanto a maioria das pessoas (em todo o espectro político) vêem o capital como agente e o trabalho como reagente, os autonomistas vêem o capital como o lado reativo da relação.

É claro, por “trabalho” queremos dizer o trabalho vivo na fábrica social, isto é, todo o poder de criação e cooperação social, o qual é necessário ao capital mas não é completamente domável. A vida emerge continuamente por debaixo, dos escombros.